

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

RODRIGO MOSSMANN

DENSIDADE PEDAGÓGICA COMO INCLUSÃO: UMA CATEGORIA DE ANÁLISE
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

SÃO LEOPOLDO
2021

RODRIGO MOSSMANN

**DENSIDADE PEDAGÓGICA COMO INCLUSÃO: UMA CATEGORIA DE ANÁLISE
NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física, pelo Curso de Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Marques Mandarino

São Leopoldo
2021

AGRADECIMENTOS

O que seria de mim, sem esta parte do TCC?

No meu ponto de vista, esta é a parte mais importante de um trabalho de conclusão; até porque ninguém chega a lugar nenhum sozinho. Não que o restante do trabalho não tenha relevância ou significado algum, é evidente que tem. Mas considero importante demonstrar um pouco de gratidão a cada um que viajou comigo nessa jornada!

À Deus, em primeiro lugar, pelo dom da vida, pois sem Ele nada seria possível. Por ter me abençoado com a Sua graça durante toda esta etapa da minha vida.

Ao meu pai e à minha mãe, exemplos de amor e humildade. Pela educação e ensinamentos que fizeram eu me tornar o homem que sou hoje. Juntos formaram o meu caráter e sempre me incentivaram a estudar e a lutar por todos os meus objetivos; com fé, esperança e muito amor. Assim como eu, nunca desistiram dos meus sonhos, pois sempre estão sonhando junto comigo. Vocês dois são os meus maiores orgulhos! Eu amo vocês!

À minha irmã, pelo fato de existir e sempre estar presente em minha vida; auxiliando-me nos estudos e nas dificuldades que a vida nos coloca. Pela nossa amizade, amor e paciência que a cada dia nos unem mais; obrigado por tanto!

À minha namorada, por estar sempre ao meu lado, me incentivando e me encorajando a alcançar este tão sonhado objetivo. Pela compreensão, carinho e amor de sempre. Você é uma inspiração!

Ao Prof. Dr. Cláudio Marques Mandarino, exemplo de humildade e sensibilidade, agradeço por dividir o seu conhecimento e me orientar sabiamente, mostrando-me os passos a serem seguidos para a conclusão desta obra. Por sua atenção e dedicação constante, que junto às sábias palavras de professor e amigo me deram um grande incentivo.

A todos aqueles, que de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu MUITO OBRIGADO!!

“- Quem está nas trincheiras ao teu lado?
- E isso importa?
- Mais do que a própria guerra.”

(Ernest Hemingway)

“Ser professor é a melhor profissão do mundo!”
(autor desconhecido)

DENSIDADE PEDAGÓGICA COMO INCLUSÃO: UMA CATEGORIA DE ANÁLISE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rodrigo Mossmann¹

RESUMO: O presente artigo trata sobre a inclusão de alunos com deficiência no âmbito da Educação Física escolar. Assim sendo, o objetivo deste artigo foi compreender por meio de uma entrevista semiestruturada, quais são os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino que um professor de Educação Física da rede municipal de Porto Alegre/RS, utiliza em suas aulas, no intuito de incluir um aluno com deficiência junto à mesma. No corpo teórico, estudou-se sobre a deficiência, a deficiência física, a inclusão na perspectiva da Educação Física escolar, os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino na Educação Física, bem como alguns estudos relacionados ao tema. A metodologia desse estudo, enquadra-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo estudo de caso. A partir, da transcrição da entrevista, foram encontradas diversas unidades de significado, que por sua vez foram agrupadas em blocos temáticos, aonde se chegou a uma categoria de análise denominada de densidade pedagógica como inclusão. Num universo de propostas pedagógicas, tiveram destaque neste artigo a densidade pedagógica como inclusão e a tutoria. Ambas provam dar suporte às aulas de Educação Física escolar, contribuindo para uma educação com mais qualidade e sentido. Desta forma, o artigo é um convite para olharmos para a inclusão como um desafio docente diário, buscando através da densidade pedagógica como inclusão, proporcionar aos alunos uma riqueza maior de conteúdo, objetivando a participação de todos, inibindo qualquer exclusão.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Inclusão. Deficiência física. Densidade pedagógica como inclusão.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS; orientado pelo Professor Dr. Cláudio Marques Mandarin do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS.

1 INTRODUÇÃO

Inclusão é um tema árduo e desafiador, o qual se torna hoje um dos temas mais impetuosos nas discussões sobre a educação escolar no Brasil, em especial na perspectiva da Educação Física; visto que, não é comum ter alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. E quando isso acontece, os professores tem que adaptar o plano e a exigência da aula, para que o aluno com deficiência não seja excluído e/ou menosprezado, exigindo dos mesmos muita criatividade e flexibilidade para que o mesmo sinta gosto e paixão pelo esporte.

A área da inclusão é apaixonante. Conseqüentemente, este tema foi escolhido por saber o quão necessário são, os docentes da área da Educação Física estarem preparados quanto aos recursos pedagógicos e as estratégias de ensino, para atender todo e qualquer aluno com deficiência, favorecendo desse modo a aprendizagem, o desenvolvimento e a inclusão desses alunos.

Em nossa sociedade, mesmo com as constantes tentativas da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização Mundial da Saúde (OMS) de eliminar a incoerência dos conceitos relacionados às pessoas com deficiência, a palavra “deficiente” ainda tem um significado muito forte. De certa forma, a mesma se opõe à palavra “eficiente”, de modo que, ser deficiente, é não ser capaz, não ser eficaz. Assim sendo, a pessoa com deficiência é entendida muitas das vezes como um ser não eficiente.

Falar sobre a inclusão de alunos com deficiência no âmbito escolar parece tarefa fácil do ponto de vista teórico, mas quando direcionamos o olhar para a realidade é possível observar os inúmeros desafios e dificuldades que os docentes encontram na busca pela inclusão desses alunos. Na inclusão, os alunos com deficiência física estudam na mesma escola que estudariam se não fossem deficientes. Portanto, o objetivo deste artigo, é compreender por meio de uma entrevista, quais são os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino que um professor de Educação Física da rede municipal de Porto Alegre/RS, utiliza em suas aulas tradicionais, no intuito de incluir um aluno com deficiência junto à mesma.

Para Rodrigues (2003), a Educação Física, apesar de suas possibilidades, pode se constituir como um adjuvante ou um obstáculo adicional para que a escola seja (ou se torne) mais inclusiva. Para o autor, em geral, os professores de Educação Física são conotados como os profissionais que apresentam atitudes mais

favoráveis à inclusão e, conseqüentemente, levantam menos problemas e com maior facilidade encontram soluções para os casos mais difíceis.

A Educação Física é vista hoje como um dos componentes curriculares essenciais para a inclusão dos estudantes com necessidades educacionais especiais², pois além de ser um direito adquirido, proporciona aos mesmos o devido aprendizado na relação com os outros, melhorando a sua autoestima e permitindo que estes tenham mais independência e autonomia, tanto na escola, como no esporte, na família e em seus momentos de lazer e diversão. Afinal, todos os indivíduos devem ser tratados com igualdade, não apenas perante a lei, mas principalmente na prática. Todos os alunos devem ser respeitados em suas diferenças e características, sejam elas quais forem. Todas as pessoas são diferentes, possuem os mesmos direitos e a escola é para todos.

Segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2019, realizado pelo Ministério da Educação, o Brasil tem conseguido aumentar a inclusão de alunos com deficiência no sistema regular de ensino. No ano de 2015 eram 447.200 alunos. Em 2019, o número de matrículas desse grupo na educação básica foi de 1,3 milhão. Esse índice apresenta um crescimento significativo há quatro anos consecutivos. Mas, estes dados ainda são muito preocupantes, visto que muitos professores ainda acreditam que incluir o aluno com deficiência resume-se em apenas colocar todos os alunos juntos no mesmo espaço. Os dados mostram que existe um crescimento no número de matrículas dos alunos com deficiência na escola regular, porém estes dados mensuram apenas o acesso dos chamados “alunos de inclusão” à escola regular, sem considerar a permanência ou até mesmo a aprendizagem dos mesmos.

A etimologia da palavra inclusão vem do latim “includere”, todavia, inclusão tem como significado “inserir, juntar, incluir”. Levando em conta esses significados, inclusão no âmbito escolar, resume-se, a abrir as portas da escola para todos, inserindo todos dentro da mesma; transformando-a em um ambiente em que todos aprendem juntos, quaisquer que sejam as suas dificuldades e/ou limitações. Além do mais, a Constituição da República Federativa do Brasil (1988), institui a “educação como um direito de todos”. É o ensino que deve se adaptar ao aluno e não o aluno se adaptar às normas já pré-estabelecidas.

² Entende-se por necessidades educacionais especiais, os alunos que durante o processo educacional, apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem, que podem não ser vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências. (MEC).

O campo da deficiência é muito amplo, portanto, senti a necessidade de reduzir um pouco este espaço, concentrando meu olhar em uma deficiência específica. Assim sendo, escolhi a deficiência física como estudo, pois, entendo que a deficiência física é a que traz mais desafios para o docente; pois a Educação Física é movimento, e quando ele é limitado, o professor precisa encontrar alternativas para que o aluno com deficiência participe das atividades como os demais alunos.

Desse modo, no presente artigo, o conceito de inclusão escolar contemplará a ideia de desenvolver estratégias de ensino a partir de recursos pedagógicos, para que os alunos com e sem deficiência possam participar das mesmas atividades, tendo como pano de fundo as aulas de Educação Física. Consequentemente, por se tratar de recursos didáticos, a inter-relação entre ensino-aprendizagem estará presente.

Diante do exposto, o presente estudo traz a seguinte pergunta de investigação: Quais são os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino que um profissional de Educação Física utiliza em suas aulas no intuito de promover a inclusão de um aluno com deficiência física?

Dando sequência, este artigo está dividido em mais 4 partes, com alguns subtítulos integrados aos assuntos. Na segunda parte denominada de “Fundamentação Teórica”, encontram-se algumas definições a cerca dos temas abordados neste artigo, bem como alguns estudos relacionados ao tema. Seguindo o estudo, a terceira parte trata da Metodologia, nela situam-se as questões a cerca da caracterização da pesquisa, os participantes da pesquisa, bem como, os procedimentos para a coleta e análise de informações. Já na quarta parte, trago a densidade pedagógica como inclusão; completando o estudo com as considerações finais a cerca dos achados.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista uma melhor compreensão a cerca do assunto abordado neste artigo, a Fundamentação Teórica está dividida em 4 subtítulos. Nos próximos subtítulos apresentam-se: a definição de deficiência, o conceito de inclusão escolar integrado a Educação Física, os recursos pedagógicos e as estratégias de ensino na Educação Física e alguns estudos relacionados ao tema do artigo em questão.

2.1 DEFICIÊNCIA

Antes de qualquer coisa, é necessário compreender que a deficiência não é uma doença e, portanto, não se trata de curá-la. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “deficiência é o substantivo concedido a toda perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica”. Diz respeito, portanto, à biologia do ser humano.

“A tarefa de incluir portadores de deficiência física em nossas aulas, não basta por si só, é necessário fazer a integração e socialização” (BRASIL, 1988). Trago essa colocação da Constituição Federal, para mostrar que de 1988 pra cá, muita coisa já mudou. Por exemplo, a pronúncia “portadores de deficiência física” não é mais utilizada. A deficiência, na maioria das vezes, é algo permanente, não cabendo o termo “portadores”. Por volta da metade da década de 1990, a terminologia utilizada passou a ser “pessoas com deficiência”, o que permanece até os dias atuais. A diferença entre esta terminologia e a anterior é simples: ressalta-se a pessoa à frente da sua deficiência. Ressalta-se e valoriza-se a pessoa acima de tudo, independentemente da sua condição física³.

Para compreender melhor o universo da inclusão, primeiramente é necessário retornar ao passado e falar um pouco a respeito da “exclusão”. No próximo subtítulo, são exibidos alguns fatos históricos e estudos que mostram como as pessoas com deficiência viviam e a forma como eram tratadas perante uma sociedade excludente.

2.1.1 Corpos deficientes: um breve olhar para a história

Para compreender melhor o processo de inclusão, é necessário contextualizar o transcurso histórico da deficiência, entendendo que a inclusão é um processo e não simplesmente um decreto. Portanto, esse tópico tem por objetivo, relatar brevemente o contexto histórico da deficiência, mostrando as conquistas e seus principais acontecimentos ao longo do tempo.

³ Por uma questão de garantir que o trabalho não se estenda demais no número de páginas, para este modelo de trabalho de conclusão de curso, no formato de artigo científico; as definições e informações a cerca da deficiência física foram deslocadas para o Apêndice C.

Desde o início da história da humanidade, os comportamentos em relação às pessoas com deficiências eram de eliminação, exclusão, destruição, menosprezo e inutilidade, caracterizados pelos seus corpos diferentes e suas marcas.

Durante o século V a.C., uma malformação corporal era considerada motivo suficiente para que um recém-nascido fosse sacrificado. Em Roma, por exemplo, havia uma lei que dava o direito ao pai de eliminar a criança logo após o parto. Já no Antigo Egito, as pessoas acreditavam que as doenças graves e as deficiências físicas eram provocadas por maus espíritos, por demônios ou por consequência de pecados/crimes de vidas passadas que deviam ser pagos.

Por vezes, fosse por alguma necessidade de sobrevivência e/ou superstição, algumas tribos assassinavam ou abandonavam as crianças, adultos e velhos com deficiências e/ou doenças. A vida nômade lhes obrigava a essa atitude tão cruel contra o ser humano visto que a pessoa com deficiência representava um fardo para o grupo. Outras tribos acreditavam em algum tipo de feitiçaria, maus e bons espíritos e por respeito e/ou medo de que tudo que fizessem de ruim para uma pessoa, algum dia voltaria contra eles, não atentavam contra seus diferentes.

Com o avanço da humanidade as pessoas com deficiência deixaram de ser exterminadas (mortas) e passaram a ser apenas excluídas do convívio social, muito decorrente do Cristianismo, onde se impôs a tentativa de salvar a pessoa, em detrimento da sua eliminação através da morte. Foi um período marcado pela segregação, onde as pessoas com deficiência eram guardadas, isoladas, escondidas em casas, vales, sótãos e/ou porões.

Os estudos científicos multiplicaram-se pelos séculos, atingindo seu auge nos séculos XIX e XX, onde:

Durante a abordagem Militar, a Educação Física favoreceu em muito à exclusão. Isso porque, todos aqueles que não se encaixassem nos padrões de normalidade, ou que tivessem com algum tipo de moléstia ou deficiência física eram simplesmente proibidos de participar das aulas. Esta exclusão se mostrou muito evidente durante as aulas, visto que somente os mais habilidosos eram valorizados. (RODRIGUES, 2003).

Nos dias atuais onde muito se fala em direitos iguais, é fundamental valorizar o potencial humano presente em todos os seres humanos. Portanto, é necessário conhecer um pouco dos fatos históricos que marcaram a luta das pessoas com deficiência para conseguir romper velhos paradigmas, enxergando as

peças com deficiência para além da sua limitação; propiciando a elas espaço e tempo para serem integradas e valorizadas perante a sociedade.

2.2 INCLUSÃO: UMA PERSPECTIVA INTEGRADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A inclusão escolar, segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, tem como objetivo:

[...] o acesso, a participação e a aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares. (PNEEPEI, 2008).

A política de inclusão, não se resume apenas ao acesso à matrícula e a permanência dos alunos com deficiência no mesmo espaço físico que os demais. É um desafio aos sistemas de ensino para que revejam seus paradigmas e encontrem alternativas educacionais que contribuam com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), afirma que é dever do Estado garantir o “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”. A educação é direito fundamental, garantido constitucionalmente; assim sendo, o aluno com deficiência tem o direito de estudar, preferencialmente na rede regular de ensino, tanto em escolas públicas como particulares. A Lei Brasileira de Inclusão (2015), estabelece que a matrícula da pessoa com deficiência seja obrigatória pelas escolas regulares e não limita o número de alunos nessas condições por sala de aula.

A inclusão no âmbito da Educação Física escolar tem sido insuficientemente tratada em nosso país. Isso se deve possivelmente ao fato de considerar que a Educação Física não é essencial para o processo de inclusão social e escolar. Em contrapartida, Aguiar e Duarte (2005), nos trazem como princípio da inclusão escolar, a Educação Física, que deve ter como eixo fundamental o aluno e, sendo assim, deve desenvolver as competências de todos os discentes e dar aos mesmos, condições para que tenham acesso aos conteúdos que propõe, com participação plena, adotando para tanto estratégias adequadas, evitando a exclusão ou alienação.

Este conceito que os autores apresentam é muito simples, mas ao mesmo tempo desafiadores. Pois, consistem na ideia de que todos os alunos independentemente das suas condições físicas e/ou limitações, devem ter acesso, de modo igualitário, ao conteúdo proposto pelo professor, participando efetivamente das atividades e interagindo com os demais colegas de classe.

Complementando, o Ministério da Educação, afirma que:

O aluno com deficiência física deve participar das atividades oferecidas pela escola, junto com os outros alunos, desempenhando tarefas ou papéis de acordo com suas possibilidades. Sua participação efetiva irá proporcionar-lhe sentimento de pertencimento ao grupo, garantindo, assim, melhor interação social. As atividades competitivas devem ser evitadas. O professor deve sempre estimular atividades nas quais predomine o espírito de equipe, onde cada um possa colaborar no que lhe for possível para que os objetivos comuns sejam atingidos. (MEC, 2006).

Ressaltando as colocações, o Ministério da Educação acrescenta ainda outro ponto fundamental: evitar atividades competitivas quando houver um aluno com deficiência no meio. Soa um pouco óbvio do ponto de vista prático, mas é importante este cuidado por parte dos docentes para não dificultar ainda mais a inclusão do aluno com deficiência, visto que, suas habilidades e potencialidades são diferentes quando comparado aos demais alunos.

A Educação Física também representa parte significativa neste processo de inclusão, visto que hoje em dia existem diversos direitos sociais para as pessoas com deficiência terem acesso às práticas relativas à Educação Física, quer sejam no âmbito da Educação Física escolar, da prática do esporte, da ocupação do tempo livre (lazer) ou até mesmo da apropriação do saber.

2.3 RECURSOS PEDAGÓGICOS E ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Manzini (2010, p. 14), defende estratégia como “[...] uma ação do professor que na maioria das vezes utiliza um recurso pedagógico para alcançar um objetivo específico de ensino ou de avaliação do aluno”.

Portanto o planejamento das estratégias é uma ação que pode determinar o sucesso ou o insucesso na realização de qualquer ação. No cotidiano da Educação Física escolar, essa ressignificação, com base nos alunos com deficiência

proporciona uma educação para todos, a contemplação de diferentes potencialidades dos alunos e em práticas motoras envoltas pela cultura corporal de movimentos.

Para tanto, Manzini (2010, p. 15), vê a necessidade de o professor planejar mais de um tipo de estratégia para a realização de uma única atividade, pois pode acontecer que a “[...] estratégia planejada não garanta o ensino ou a avaliação que o professor propôs ao aluno, ele pode modificar o procedimento e partir para uma segunda estratégia, de maneira pensada e planejada”.

Voltando o olhar para o sentido das palavras “recurso” e “pedagógico”, identifico que o primeiro, dentre diversas definições, seria um “meio para resolver um problema, remédio, solução, auxílio, ajuda, socorro, proteção” (FERREIRA, 2004). O segundo termo, por sua vez; “remete ao que possui características ou finalidades educativas que visem assegurar a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar” (HOUAISS, 2001).

Tão importante quanto buscar estratégias para incluir, é cuidar no nosso dia-a-dia, de recursos pedagógicos a fim de não excluir os alunos com deficiência. Para isso, a Educação Física enquanto componente curricular do sistema básico de educação nacional, tem por finalidade, a construção de conhecimentos a respeito do corpo, suas limitações e suas possibilidades de movimento.

Em relação ao grau de movimento, o Ministério da Educação, reforça o cuidado para com o membro afetado ao mesmo tempo que incentiva a sua utilização, destacando que:

A amplitude de movimento de cada articulação (ombro, cotovelo, punhos e dedos), a força e o controle voluntário deverão ser conhecidos pelo educador, para que possa incentivar o aluno a manter o membro afetado em atividade, de acordo com a orientação do profissional especializado, com o objetivo de melhorar sua funcionalidade e prevenir as complicações decorrentes do desuso ou uso inadequado desse membro. (MEC, 2006).

Muitos recursos pedagógicos podem ser utilizados nas aulas de Educação Física no sentido de minimizar as limitações funcionais, motoras e sensoriais dos alunos, facilitando dessa forma o processo de ensino e aprendizagem. O professor deve ser o principal autor desses recursos, tendo a máxima atenção em observar o aluno nas atividades, buscando identificar a necessidade e a limitação de cada um, procurando focar no potencial dos mesmos e não em suas limitações. Quanto ao

modo de lidar com o aluno com deficiência física, o Ministério da Educação, orienta que:

Alunos com deficiência física são pessoas que apresentam alteração no aparelho motor e/ou no aparelho fonador, e em sua grande maioria não apresentam deficiência mental, tendo o cognitivo preservado, não necessitando, assim, de grandes adequações nos conteúdos curriculares. Entretanto, devido à deficiência motora, poderão apresentar lentidão na realização das tarefas e das avaliações, necessitando assim de um maior tempo para concluí-la. (MEC, 2006).

As estratégias de ensino, por sua vez, além de propiciar diversas condições para a inclusão do aluno com deficiência física, também contribui na participação efetiva dos mesmos nas aulas de Educação Física. Desta forma, ambas as partes (professor e aluno) aprendem e ensinam a si próprios, estimulando assim o valor da diversidade.

2.4 ESTUDOS RELACIONADOS AO TEMA

O presente capítulo visa abordar algumas produções acadêmicas ligadas ao tema deste artigo, conduzindo o leitor a uma breve reflexão a cerca do assunto que está sendo tratado.

Ao dar início às pesquisas de teses, dissertações, artigos e trabalhos de conclusão de curso, os descritores que ganharam destaque nesta busca foram: “deficiência física”, “recursos pedagógicos”, “inclusão” e “estratégias de ensino”. Optou-se por escolher as bases de dados do Google Acadêmico, Scielo e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; nas quais se procurou os estudos que estivessem ligados diretamente aos termos pesquisados. Para tanto, as buscas foram filtradas do ano 2000, até o presente momento.

Entre os diversos achados, os que mais chamaram a atenção foram os títulos dos trabalhos, compostos pelas palavras “deficiência física”, “educação física” e “abordagens metodológicas”. O trabalho de maior destaque e semelhança ao artigo em questão foi a tese, intitulada como “ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO INCLUSIVO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA”, de Bezerra (2010).

Bezerra (2010), analisou quais são as estratégias que os professores de Educação Física utilizam em suas aulas, em escolas do Ensino Fundamental da

rede municipal da cidade de São Luís – MA, a fim de incluir o aluno com deficiência junto a mesma. O estudo foi realizado por meio de uma análise microgenética com enfoque na teoria histórico-cultural de Vygotski, em 4 escolas da rede municipal de educação local.

Em relação à deficiência, o autor cita Vygotski (1997), o qual demonstra uma grande preocupação em livrar-se do aspecto biológico da deficiência focando mais no aspecto social da mesma. O autor conclui dizendo, que as estratégias de ensino mais indicadas para o ensino inclusivo das aulas de Educação Física são: organização dos alunos no espaço da quadra, estratégia de instrução, a primeira estratégia, estratégia de convivência, estratégia de adaptação, estratégia de ensino inclusivo, estratégia de aula livre e estratégia de finalização e consolidação.

Além do trabalho do Bezerra (2010), outro trabalho que ganha destaque nesta pesquisa é a dissertação do Silva (2012), intitulada: “OS DESAFIOS DA INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO PÚBLICO REGULAR: MAPEANDO A REALIDADE DE FEIRA DE SANTANA”.

Silva (2012), mapeou a realidade das escolas estaduais de Feira de Santana - BA, a respeito da inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física. O estudo teve uma abordagem qualitativa, na qual ele utilizou um questionário e uma entrevista semiestruturada com os profissionais de Educação Física da rede estadual de ensino da Bahia. Com base no questionário, o autor constatou que os entraves mais fortes no caminho de uma educação inclusiva são: a má formação dos professores, culminando em dificuldades na prática pedagógica, e a estrutura física. Por fim, o autor constatou que os docentes devem buscar a formação no que diz respeito ao trato com alunos com deficiência, para além da graduação.

Por fim, outro destaque é a dissertação da Mahl (2012), intitulada como: “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE A INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA”. A autora acredita, que os professores de Educação Física são vistos e conotados como os profissionais com atitudes positivas mais favoráveis à inclusão do que os demais professores, principalmente pela maior proximidade e facilidade de dialogar com seus alunos. Nas aulas de Educação Física, há contatos físicos frequentes ocasionados pela natureza das atividades ou pela própria dinâmica da aula, na qual sempre há um

espaço e lugar para conversas informais entre os alunos e o professor, formando assim relações afetivas mais intensas.

Através dos trabalhos, é possível observar que o tema “inclusão”, está crescendo cada dia mais em nosso país, em especial na área da educação com ênfase na Educação Física. Onde antes a mesma era vista como um problema, hoje é uma solução.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste artigo está dividida em 4 subtítulos. Nos próximos subtítulos, apresentam-se uma breve caracterização da pesquisa, os participantes da pesquisa, os procedimentos para coleta das informações e por fim os procedimentos para análise das informações.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A metodologia do artigo em questão, enquadra-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, com uma abordagem exploratória, do tipo estudo de caso. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005), afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Já Lüdke e André (1986), ensinam que é cada vez maior o interesse no uso de metodologias qualitativas por pesquisadores da área da educação.

A abordagem exploratória, por sua vez, permite explorar um problema de forma mais complexa. Como apontam Selltiz, Wrightsman e Cook (1987), “o modelo de pesquisa exploratório se utiliza principalmente de técnicas de pesquisas qualitativas baseadas em observações e entrevistas”.

Dentre os métodos de pesquisa qualitativa, escolheu-se o método estudo de caso para a consecução deste artigo, em função da sua adequação ao objetivo proposto. Segundo Lüdke e André (1986), “o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação”. De acordo com as autoras, o estudo de caso deve ser aplicado quando o

pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, como é o caso do artigo em questão.

3.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para responder a pergunta de investigação, foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice B), com um professor de Educação Física da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS, para “tomar depoimentos como fonte de investigação” (DUARTE, 2004, p.7). O docente entrevistado se mostrou muito familiarizado com o tema da entrevista, foi muito atencioso, mostrando bastante interesse e domínio sobre o assunto, trazendo informações riquíssimas para a continuidade do estudo.

A escolha do professor da rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS, ocorreu pelo fato de estarmos vivendo um momento histórico em nossas vidas, a pandemia do Covid-19 (2019). Momento este, que exige cuidados redobrados; no qual grande parte das escolas estão fechadas e os alunos estão tendo que se adaptar ao ensino remoto. Diante disso, como meu professor orientador trabalha na rede municipal de ensino de Porto Alegre/RS e ao longo da sua trajetória docente desfrutou de diversas experiências com alunos com deficiência física, nada mais justo que ele fosse o colaborador deste estudo.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES

Por conta da gravidade do Coronavírus (Covid-19), onde as aulas estão suspensas por tempo indeterminado em diversas cidades do estado, não foi possível realizar a coleta de informações de forma presencial. Para tanto, a entrevista semiestruturada com o colaborador da pesquisa, foi realizada de forma remota utilizando o aplicativo Microsoft Teams. A entrevista foi gravada e posteriormente transcrita. Os arquivos das gravações e os documentos da entrevista ficarão armazenados sigilosamente por três anos sob o cuidado do pesquisador e destruídos após este período.

Utilizada para coletar informações: “entrevista é uma técnica de interação social em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação” (GERNHARDT; SILVEIRA, 2009. p.72).

Respeitando a total integridade do colaborador, bem como às Normas e Diretrizes Brasileiras que ordenam as pesquisas envolvendo seres humanos, antes da realização da entrevista, foi entregue e assinado pelo colaborador da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

Por ser um método mais espontâneo:

Na entrevista semiestruturada o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada como forma de poder explorar mais amplamente a questão. (LAKATOS; MARCONI, 2011).

O colaborador do estudo forneceu previamente alguns materiais produzidos e arquivados por ele mesmo e outros materiais elaborados pelos próprios alunos (Anexos A, B e C). Estes documentos são fotos, desenhos e poesias fornecidos pelo entrevistado, que surgiram a partir das suas aulas de Educação Física em uma escola da rede municipal de Porto Alegre/RS. Escola esta que conta com uma estrutura de dois ambientes para a realização das atividades de Educação Física, sendo uma quadra poliesportiva e um pátio coberto. As aulas foram ministradas para o Ensino Fundamental anos iniciais, com crianças de 9 a 10 anos. As aulas aconteciam duas vezes por semana com duração de aproximadamente 50 minutos cada.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE INFORMAÇÕES

Existem diferentes técnicas de organização e análise dos dados na pesquisa qualitativa, sendo a análise de conteúdo uma destas possibilidades: “a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos” (BARDIN, 2006).

A fim de organizar e compreender os dados que foram obtidos através da entrevista, optou-se por elencar as etapas da técnica segundo Bardin (2006), o qual as organiza em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A entrevista realizada com o colaborador resultou em 17 páginas de transcrição de conteúdo, onde foram encontrados 383 unidades de significados. Estas unidades de significado por sua vez foram divididas dentro de 7 blocos

temáticos e por último, estes blocos temáticos foram inseridos dentro de uma categoria de análise demonstrada no Apêndice D.

4 DENSIDADE PEDAGÓGICA COMO INCLUSÃO

Após a análise de conteúdo da entrevista, as unidades de significado encontradas foram inseridas dentro de blocos temáticos que por sua vez referem-se à uma categoria de análise que passo a partir desse momento a chamar de densidade pedagógica como inclusão. A seguir trago alguns escritos de Mandarino (2020), onde ele trata a densidade pedagógica como um modo de exercer o ensinar.

Segundo Mandarino (2020), densidade pedagógica é “um cercamento de estratégias para que os conteúdos que estão sendo trabalhados num processo de ensino possam oferecer uma aprendizagem mais densa para os alunos”. Entre outras palavras, seria o docente, buscar meios/formas para que as estratégias de ensino tenham uma riqueza maior de conteúdo, despertando na criança o desejo de realizar novamente determinada atividade. O autor descreve a densidade pedagógica:

Como algo que seria, entre outras coisas, um modo cuidar e, ao cuidar, uma forma de dar mais sentido para aquilo que se pretende ensinar. Pode-se pensar, também, como uma forma de situar uma estratégia de ensino para que algum conteúdo, algum objeto do conhecimento, seja apresentado de tal forma que fique cercado por diferentes artefatos, cercado das mais variadas didáticas e metodologias a serem utilizadas durante um processo de ensino. (MANDARINO, 2020).

Ao ser convocado a ensinar, o professor tem a liberdade de conduzir o conhecimento de diversos modos, a seguir trago um trecho do autor onde ele cita dois modos de exercer a docência:

Duas coisas podem ser observadas a partir do ofício da maestria quando se olha para uma docência cuidadosa no âmbito dos modos de exercer o ato de ensinar: primeiro, o que poderíamos chamar de práticas pedagógicas artesanais; e, por segundo, a densidade pedagógica. (MANDARINO, 2020).

Estes dois modos de ensinar estão intimamente amarrados. Entretanto, como trago a densidade pedagógica como inclusão, deixarei de lado as práticas

pedagógicas artesanais⁴, concentrando o olhar para uma aprendizagem com mais sentido/conteúdo.

A atuação docente é uma importante fonte de aquisição de saberes, movimento este que está vinculado/amarrado à experiência. E a densidade pedagógica surge como uma alternativa de experiência dentro de uma série de experimentos pedagógicos que circundam o âmbito da docência:

A densidade pedagógica oferece uma experiência transformadora no modo de ser e de agir docente no momento em que ela ensina o professor cuidar de si para cuidar do outro, a inventar a si mesmo nas suas diferentes docências, a conduzir seus alunos a tomarem os conteúdos para além de conhecimentos a serem absorvidos, mas que passem a produzir efeitos para si mesmos e que os nossos diferentes modos de ser e agir continuem, tal como a obra de literatura pedagógica oferece, a potencializar a produção de sentidos. (MANDARINO, 2020).

Numa sociedade em constante transformação, o professor com seu conhecimento e sua experiência contribui com a inclusão pelo modo com que ensina. Mandarino (2020), aponta que “são necessários certos modos para ensinar algo, são necessárias muitas didáticas e métodos que circulem dentro do campo discursivo e de disputas”. E dentro desse universo tão rico de formas de exercer a docência ele posiciona a densidade pedagógica como uma prática muito rica de conteúdos a serem trabalhados no âmbito da Educação Física escolar, na qual o seu foco está centrado na participação de todos os alunos, inibindo qualquer tipo de exclusão.

A densidade pedagógica como inclusão está dividida como dito anteriormente em 7 blocos temáticos. Concentro o olhar em 4 blocos temáticos, que ao meu ver, são os que estão mais relacionados ao estudo em questão. A seguir, apresento trechos da entrevista como o colaborador. Estes trechos foram separados em blocos temáticos, contendo as unidades de significados mais relevantes para o estudo.

⁴ Exercícios pedagógicos que envolvem um cuidado de si e dos outros. Noção de práticas de si do filósofo Michel Foucault e a artesanania que envolve o aprender a dar aula. (MANDARINO, 2020).

4.1 Deficiência e Inclusão

Este bloco temático está estritamente relacionado com o tema do artigo em questão. No excerto abaixo, o colaborador em sua fala nos apresenta algumas unidades de significado já citadas, como por exemplo, a “lei de diretrizes e bases da educação nacional”, “1996”, “alunos com deficiência” e “escola regular”.

Quadro 1 - Inclusão escolar

A **lei de diretrizes e bases da educação nacional, 1996**, vai dizer então que os **alunos com deficiência** devem estar **matriculados preferencialmente** em uma **escola regular**. [...] então, se gerou uma **série de desafios** entre os professores e as professoras, eu diria também **resistências, insatisfações**. [...] muitos professores, professoras de Educação Física, até então não tinham tido uma **experiência** tão direta em relação à **inclusão** desses alunos no **ensino regular**. [...] Diria que hoje depois de 20 anos, nós já **avancamos bastante** nesses **processos**, até para entender muito mais as **particularidades**, os **desafios** que os **alunos** trazem.

Fonte: Entrevista com o colaborador

Em relação ao acolhimento da escola a cerca dos alunos com deficiência, Sassaki (1998, p.9), expressa que:

[...] As escolas (tanto comuns como especiais) precisam ser reestruturadas para acolherem todo espectro da diversidade humana representado pelo alunado em potencial, ou seja, pessoas com deficiências físicas, mentais, sensoriais ou múltiplas e com qualquer grau de severidade dessas deficiências, pessoas sem deficiências e pessoas com outras características atípicas, etc.

O autor ainda destaca que é o sistema educacional que precisa se adaptar às necessidades de seus alunos, mais do que os alunos se adaptarem ao sistema educacional. O colaborador em sua fala, enfatiza que a inclusão escolar sempre foi movida por uma série de desafios por parte dos docentes, até porque cada aluno que chega até a escola traz consigo uma bagagem de dificuldades, características e limitações. E isso precisa ser respeitado e considerado na hora da aprendizagem e do convívio social.

4.2 Estratégias de Ensino

Tendo em vista a densidade pedagógica como inclusão e a busca por uma aprendizagem com mais sentido e conteúdo, o colaborador no excerto abaixo,

reforça aquilo que Mandarino (2020), afirma: “dar mais sentido para aquilo que se pretende ensinar”.

Quadro 2 - Organização da aula

Então, em resumo, como se configurava essa **organização da minha aula**: Eu chegava para os alunos e dizia que esse mês nós vamos **trabalhar** o pular corda. Então durante **todo o mês** era somente **uma atividade, uma proposta**. Para que eles pudessem **explorar** o máximo possível suas potencialidades em relação ao pular corda e aprender a pular corda, para **alicerçar** que o pular corda ou qualquer outro conteúdo que eu estivesse trabalhando pudesse ter **sentido** para eles, ter **sentido** no sentido que, quero dizer seja mais **denso**, que ele possa fazer em outro momento que não seja naquele momento da aula de Educação Física. E para isso é necessário que a aula **comece** e **termine** com o mesmo **foco**.

Fonte: Entrevista com o colaborador

O Ministério da Educação (2006), reforça o incentivo por parte dos docentes a uma maior independência dos alunos com deficiência:

Os profissionais da escola, incluindo a equipe de apoio, devem estimular a todos os alunos a tomarem suas próprias decisões, de forma que eles possam se tornar cada vez mais independentes, facilitando assim, um processo de inclusão escolar que não se restringe apenas a alunos com necessidades educacionais especiais, mas a todos os alunos. (MEC, 2006).

O colaborador evidencia que as atividades que ele propõem em suas aulas são pensadas visando o futuro também, estimulando dessa forma os alunos para que realizem as atividades que estão sendo trabalhadas na Educação Física em um ambiente fora da escola, em casa por exemplo. E para que as atividades desenvolvidas tenham mais sentido, o mesmo destaca que é preciso dar uma continuidade ao conteúdo que está sendo trabalhado, salientando, que um mês na visão dele, é o tempo adequado para que o conteúdo que está sendo trabalhado possa enfim consolidar uma aprendizagem mais densa. Essa técnica extrai um melhor aproveitamento do aluno, ajudando-o a fixar o conteúdo com mais facilidade e autonomia.

Quadro 3 - Estratégia de inclusão

[...] Ali eu estou com um aluno (deficiente físico) que está com os ditos “normais”, numa **proposta de aula** que quando ela é **pensada**, ela é pensada basicamente **considerando as possibilidades corporais**. [...] como princípio de que **nenhum aluno deve ficar fora** das minhas aulas, eu começo então a **pensar alternativas, estratégias** para que ele possa **participar da aula**. Então esse aluno, nos dois anos em que ele esteve comigo, ele **não soube o que era não participar** das aulas de Educação Física. Ele não teve essa **aprendizagem**, por que todas as vezes em que ele esteve nas aulas ele sempre participou.

Claro que, algumas **modificações** tiveram que ser feitas, mas esse **método de trabalho**, essa **estratégia** que eu estou trazendo para ti ela me mostrou que ela tinha **potencialidades** também de **garantir a inclusão** desse aluno. Inclusive de **consolidar** nele as aprendizagens que também estavam sendo consolidadas com os outros colegas. Claro que no tempo dele e com as condições que ele tinha enquanto desafios. [...] A estratégia em si, não foi **pensada** num primeiro momento considerando as pessoas com deficiência.
 [...] Basicamente **não houve alteração nos conteúdos**. Houve **ajustes** para que no momento em que todos estavam participando, eu pudesse dar uma **atenção** para ele.
 [...] **A aula era para todos**. E assim ela aconteceu.

Fonte: Entrevista com o colaborador

No excerto acima, o colaborador nos aponta um princípio de inclusão voltado para a participação de todos, bem como Rodrigues (2000), destaca: “a inclusão escolar visa, pois, garantir que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, acessem a uma educação de qualidade e vivam experiências significativas”.

Por sua vez, os PCNs (1998), nos apresentam que:

[...] o docente foi incumbido de elaborar aulas que permitam a participação de todos, adaptando as atividades de forma a estimular as potencialidades de cada aluno, independente das diferenças que os mesmos possam apresentar. (COLETIVO DE AUTORES, 1992; BRASIL, 1998).

Para Bezerra (2010), é imprescindível que o professor planeje, flexibilize, crie e oportunize a criação de estratégias em todos os instantes da aula, para que as aulas de Educação Física contribuam significativamente para uma educação de qualidade para todos.

O colaborador reforça em sua fala, que precisou fazer uma série de arranjos e ajustes na atividade que estava sendo desenvolvida, sem comprometer o conteúdo que ali estava sendo proposto; para que nenhum aluno ficasse desassistido em função de ter um colega com deficiência física no meio.

Quadro 4 - Exigência do movimento

As distinções maiores aconteciam principalmente quando envolvia os membros inferiores, como é o caso do pular corda; o pular corda tem a característica de fazer com que tu use ali os membros inferiores para projetar o corpo para cima e aí a corda no momento em que é trilhada ela vai passando por baixo dos pés. Isso não é uma **possibilidade** que está dada para quem está na cadeira de rodas. Então, o que nós fazíamos, nos **alterávamos a exigência**. [...] Então, esse era o **ajuste**, a **alternativa** que era encontrada para que ele pudesse **participar da aula** de pular corda.

Fonte: Entrevista com o colaborador

No excerto acima, o entrevistado destaca que, para que o aluno com deficiência participe da aula junto aos demais, é necessário por vezes ajustar a proposta de aula, de forma a alterar a exigência do movimento. Quanto aos ajustes das atividades:

Para os alunos com deficiência, as adaptações são importantes a fim de que todos participem com as mesmas oportunidades de movimento respeitando suas limitações. (STRAPASSON e CARNIEL, 2007).

O colaborador reforça nas unidades de significado destacadas o que Serra (2008), bem destaca: “para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem e participação social, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre o currículo”. Diante disso, é importante que os professores, fiquem atentos as habilidades e as potencialidades de cada aluno, para que haja a menor distinção possível em relação ao que os outros colegas estão desenvolvendo.

Quadro 5 - Pensar alternativas

[...] Quando nós fizemos o jogo da amarelinha; [...] fiquei pensando como eu vou **resolver** essa questão. Eu fiz o diagrama do caracol para ele, ele não iria colocar a cadeira de rodas dele ali tentando fazer como os outros colegas estavam fazendo de pular a amarelinha com um pé e com os dois. Era na **potencialidade** dele, e aí como tem o diagrama da amarelinha que é o caracol, então ele tinha que fazer com que a cadeira de rodas chegasse ao centro do caracol, e depois retornasse, pelo caminho que foi feito pelo caracol. Então a cada **desafio** que estava dado, a cada conteúdo ia se vendo como **garantir a participação** dele sem que fosse alterado ali o conteúdo previsto.

Fonte: Entrevista com o colaborador

Trazendo o princípio de densidade pedagógica que Mandarino (2020), nos apresenta: “dar mais sentido para aquilo que se pretende ensinar”; concentrando o objetivo da aula na participação de todos. No excerto acima, o colaborador expõe uma situação em que ele teve que pensar uma alternativa/estratégia para que o aluno com deficiência física, pudesse vivenciar a mesma experiência que os demais colegas de classe vivenciaram. Por tanto, ele teve que ajustar o jogo da amarelinha, pensando na potencialidade do aluno, desenvolvendo dessa forma, o diagrama do caracol para ele.

Quando um aluno com deficiência física participa das aulas de Educação Física o professor deve proporcionar ao mesmo, a maior mobilidade possível e de forma autônoma, incentivando sempre a sua atuação no meio e comunicação com os colegas. (NEBRERA, 2009).

Durante a entrevista, o docente reforçou diversas vezes a necessidade de organizar as aulas explorando o máximo possível as potencialidades e as possibilidades dos alunos. Assim sendo, é necessário dar uma continuidade ao conteúdo que está sendo trabalhado, para que esta aprendizagem tenha mais sentido e significado aos alunos.

No entanto, a simples entrada do aluno com deficiência na escola não lhe garante a qualidade de ações pedagógicas inclusivas, nem ações afirmativas que diminuam as diferenças entre seus pares, e, ainda pior, não lhes garante aprendizagem. “[...] para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem e participação social” (SERRA, 2008, p. 33). Nessa participação social, o convívio com o outro se torna o ponto chave no processo educativo.

Outra unidade de significado que chama bastante atenção pela sua recorrência foi a dos “ajustes”. Nas aulas de Educação Física, por vezes, o docente se vê na obrigação de ajustar a atividade, alterando a exigência do movimento, para que todos os alunos possam participar efetivamente do que foi proposto, sem alterar os conteúdos que estão sendo trabalhados naquele período letivo. Pensando alternativas e estratégias que de fato garantam a participação e a inclusão de todos os alunos, o Ministério da Educação, reforça:

[...] é necessário que os professores conheçam a diversidade e a complexidade dos diferentes tipos de deficiência física, para definir estratégias de ensino que desenvolvam o potencial do aluno. De acordo com a limitação física apresentada é necessário utilizar recursos didáticos e equipamentos especiais para a sua educação buscando viabilizar a participação do aluno nas situações práticas vivenciadas no cotidiano escolar, para que o mesmo, com autonomia, possa otimizar suas potencialidades e transformar o ambiente em busca de uma melhor qualidade de vida. (BRASIL, 2006, p. 29).

Mazzioni (2013), afirma que “a prática docente é caracterizada pelo desafio constante dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os alunos, de modo que o processo de ensino-aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que se propõem”; principalmente quando se almeja uma educação e uma inclusão de qualidade.

4.3 Tutoria

No excerto abaixo, o colaborador expõem o seu pensamento em relação à tutoria.

Quadro 6 - Colega tutor

Eu considero **extremamente válido** e importante que o professor possa usar esse recurso da **tutoria**. Mas sempre tomando o **cuidado** de que o aluno que é **tutor**, ele não deixa de fazer a aula, porque ele é um aluno também. Então tu toma muito **cuidado** nesse sentido.
[...] Acho que é uma **alternativa** para que a gente possa garantir também a questão da inclusão do aluno com deficiência nas aulas.

Fonte: Entrevista com o colaborador

Quando perguntado em relação à tutoria, o colaborador se mostra muito favorável à mesma. Destacando aquilo que Costa e Souza (2010), nos apresentam como “uma estratégia de ensino que contribui para a prática pedagógica”; reforçando o cuidado que os docentes devem ter para que o colega tutor não deixe de participar da aula em função de ajudar o colega com deficiência.

Atualmente ao deparar-se com a inclusão escolar, os professores devem se preocupar em criar meios eficientes para inserir os alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, de uma forma que realmente eles sejam participantes da mesma. Para isso, Costa e Souza (2010), nos trazem a tutoria como uma das estratégias de ensino que pode contribuir nesta prática pedagógica:

[...] nesta nova situação, a Educação Física, agora inclusiva, demanda novas estratégias de ensino. Uma destas é o colega tutor (peer tutor), que vem sendo utilizada nos Estados Unidos da América, na qual um companheiro de classe sem deficiência, que auxilia o aluno com deficiência. (COSTA; SOUZA, 2010, p.381).

Este recurso da tutoria, usufrui de um aluno voluntário que auxilia o aluno com deficiência a receber o maior número de instruções, informações e feedbacks possíveis, com o propósito de facilitar o processo de ensino/aprendizagem, a transmissão de conhecimento e a inclusão dos alunos com deficiência junto a classe.

4.4 Recursos Pedagógicos

No excerto que segue, o colaborador apresenta alguns dos recursos pedagógicos (em negrito) que ele utiliza em suas aulas de Educação Física.

Quadro 7- Recursos Didáticos

[...] Trazer para as aulas, **poemas** sobre alguma situação que aconteceu na aula anterior. [...] Fazer registros com **vídeos**, tirar **fotos**. [...] usar **poemas** não é invenção da roda, mas eu coloquei isso aí numa área mais específica que é a Educação Física, onde isso não é tão utilizado.

[...] eu acrescento outros elementos que eu não estava acrescentando com eles, que é pedir para eles fazerem registros do que tinha acontecido nas aulas a partir de **desenhos**. E é claro, eu começo a trabalhar **jogos da cultura infantil**, **jogos populares** que é **pular corda**, **pular amarelinha**, fizemos um movimento também de trabalhar o **avião de papel**, **pular elástico**.

[...] os conteúdos previstos no decorrer do ano, que eram **pular corda**, fazer **atividades de fita**, **pular elástico**, **amarelinha**, **avião de papel**, **bambolê**, **jogo de bolita**.

Fonte: Entrevista com o colaborador

Ao falar na atualidade de recursos pedagógicos, logo associamos à ideia de tecnologias digitais, recursos multimídia e outras possibilidades dessa mesma natureza. Em sua fala, o colaborador destaca o uso de recursos pedagógicos simples, mas ao mesmo tempo muito ricos, que por vezes são esquecidos ou deixados de lado. Dessa forma, ele usufrui de recursos básicos, criando condições favoráveis para que os alunos tenham de fato uma aprendizagem de qualidade.

É possível observar, que as unidades de significado “poemas” e “desenhos” recebem destaque, como o colaborador mesmo comenta: trazer para as aulas de Educação Física poemas e desenhos, são recursos pouco utilizados pelos profissionais da área. Outras unidades de significado como o “pular corda”, “pular amarelinha” e “pular elástico” aparecem com recorrência, enfatizando os jogos da cultura infantil que foram desenvolvidos em suas aulas.

Recursos pedagógicos são os materiais/instrumentos utilizados pelos docentes no processo de ensinar. Já as estratégias, por sua vez, são as formas/modos como o professor utilizará destes recursos, a fim de conduzir o processo da aprendizagem. Assim sendo, um mesmo recurso pode ser usado de inúmeras formas a partir de uma estratégia escolhida. Como é o caso dos poemas, da amarelinha e do pular corda, como o colaborador bem destaca.

A partir da entrevista com o colaborador, trago no quadro abaixo, alguns pontos que ele apresenta, quanto aos recursos pedagógicos e as estratégias de ensino que ele utiliza em suas aulas visando a inclusão e a participação de todos os alunos:

Quadro 8: Densidade Pedagógica como Inclusão

Densidade Pedagógica como Inclusão	
Recursos Pedagógicos	poemas - vídeos - fotos - desenhos - jogos da cultura infantil - jogos populares - pular corda - pular amarelinha - avião de papel - pular elástico - atividades de fita - bambolê - jogo de bolita - tutoria
Estratégias de Ensino	Um mês o mesmo conteúdo (continuidade) - pedir para os alunos fazerem registros através de desenhos do que tinha acontecido na aula - explorar ao máximo as potencialidades dos alunos - começo e fim da aula com o mesmo foco - nenhum aluno deve ficar fora da aula (a aula é para todos) - alterar a exigência de movimento para o aluno com deficiência - quando necessário fazer ajustes, modificações e arranjos sem alterar o conteúdo previsto para a aula - pensar alternativas para que o aluno com deficiência possa vivenciar o mais próximo possível o que os demais colegas estão vivenciando - não pensar a aula considerando num primeiro momento os alunos com deficiência.

Fonte: Entrevista com o colaborador

Uma estratégia destacada pelo colaborador e que chama muito a atenção, é que, ao planejar as atividades que serão desenvolvidas, ele não as planeja num primeiro momento visando os alunos com deficiência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, entende-se que garantir a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física é um grande avanço, mas também um grande desafio. Porém, somente a participação, não é o suficiente. É necessário integrá-los a mesma, buscando a socialização com os demais colegas.

Deste modo, a Educação Física se justifica nas escolas, como um importante subsídio, no que diz respeito a prática corporal direcionada à vivência de movimentos e desenvolvimento físico de crianças com deficiência física; auxiliando-as no desenvolvimento de suas potencialidades e conseqüentemente na melhora da qualidade de vida.

É de suma importância, que os professores de Educação Física desenvolvam competências concretas para com os alunos com deficiência física, a fim de que estas atividades se tornem aplicáveis dentro do seu cotidiano e vida diária, buscando critérios que atendam os princípios da inclusão, abandonando efetivamente toda e qualquer ideia de corpo objeto, mecanizado.

Os alunos com deficiência física têm diversas possibilidades de desenvolver seus potenciais, para isso, os docentes devem estar dispostos a responder à essas necessidades, oferecendo ao aluno, recursos que irão facilitar o seu desenvolvimento motor e sua autonomia, contribuindo, assim, para torná-lo uma pessoa mais independente. Alguns alunos podem necessitar de um acompanhamento de um professor e/ou monitor, a chamada tutoria. São alunos mais comprometidos fisicamente e que necessitam de um apoio de outro profissional ou colega de classe para cumprir as tarefas e acompanhar as aulas.

Devido aos desafios que a inclusão escolar impõe, todo dia nascem novos recursos e propostas pedagógicas, nas quais tiveram destaque neste artigo, a densidade pedagógica como inclusão e a tutoria. Ambas vêm provando dar suporte as aulas de Educação Física, para que possamos afirmar ser possível passarmos da intenção da inclusão para a realidade da mesma.

O objetivo inicial do artigo foi alcançado, visto que muitos outros desafios ainda irão surgir para que de fato tenhamos uma inclusão de qualidade no âmbito escolar. Sugere-se, a continuidade de novos estudos que possam investigar a temática, propiciando mais e melhores recursos e estratégias de ensino junto a este seguimento de alunos. Bem como, a importância e o compromisso das escolas em

construir sempre projetos políticos pedagógicos voltados para a eliminação de toda e qualquer forma de discriminação, de modo que os alunos possam participar plenamente das ações pedagógicas da escola, nas diferentes formas de aprender e conviver.

Apesar do discurso favorável à inclusão de pessoas com deficiência, essas pessoas ainda continuam vítimas de preconceito e estigma, por serem consideradas diferentes. Portanto, a Educação Física enquanto disciplina curricular não pode ficar neutra em relação a essa discriminação, pois, muitas das vezes o desejo de crianças com deficiência física em participar das aulas de Educação Física ou de atividades recreativas é, em geral, igual ao de outras crianças. Todavia, a inclusão é o caminho a ser percorrido frente ao longo processo de exclusão. Finalizo, afirmando que, o aluno com deficiência não pode ser visto como um ser incapaz, mas como um sujeito singular. A deficiência precisa ser compreendida como uma condição e não como uma doença.

O futuro dos alunos está nas mãos dos professores. Todavia, a falta de atitude dos docentes para com os alunos com deficiência pode ser a maior deficiência. O esporte é, foi, e sempre será, um meio para a inclusão escolar; uma vez que tem o poder de unir as diferenças, transformando a realidade de muitas crianças com deficiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, J.S; DUARTE, E. **Educação inclusiva: um estudo na área da Educação Física**. Rev. bras. educ. espec., 2005, vol. 11, n. 2, p. 223-240. ISSN 1980-5470. Disponível em <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. 2006, (Obra original publicada em 1977).
- BEZERRA, Alex Fabiano Santos. **Estratégias para o ensino inclusivo de alunos com deficiência nas aulas de educação física**. 109 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004** - DOU de 02/12/2004. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 20 de nov. 2020.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2019**: Resumo Técnico. Brasília, 2020.
- BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Lei nº 13.146 de 06 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. D.O.U. 20 dez. 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 05 mai. 2021.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Educação Física**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Sala de Recursos Multifuncionais: espaços para o Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: MEC/SEESP, 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COSTA, M. P. R.; SOUZA, J. V. Tutoria. In: **Das margens ao centro: perspectivas para as políticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010. p. 381-391.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças: jogos para crianças e jovens com deficiência**. São Paulo- SP: Phorte, 2006.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, nº 24, 2004, p. 213-255.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Opeg Sistemas Reprográficos e de Ensino, 2004. CD-ROM.

GERHARDT, Tatiana Engel. **A construção da pesquisa**. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica** . 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LOPES, K. R.; MENDES R. P.; FARIA, V. L. B. (Orgs). **Coleção Pró Infantil: programa de formação inicial para professores em exercício na educação infantil**. Brasília: MEC, 2005.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHL, Eliane. **Práticas pedagógicas dos professores de educação física frente a inclusão de alunos com deficiência**. São Carlos -SP, 2012.

MANDARINO, Cláudio Marques. **Docência cuidadosa: produção de sentidos em obras pedagógicas acadêmicas**. 2020. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, [S. L.], 2020.

MANZINI, E. J. **Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física**. Marília: UNESP, 2010.

MAZZIONI, S. **As estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem: concepções de alunos e professores de ciências contábeis**. Revista Eletrônica de Administração e Turismo, Pelotas, v. 2, n. 1, jan./jun. 2013, p. 93-109.

MEC; SECADI. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. (2008). Recuperado do <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em: 25 de out. de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais - Deficiência física**. Brasília - DF: MEC, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência física.** Brasília: MEC, 2004.

NAMT, Associação Nacional de Medicina do Trabalho. **A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA: O papel de médicos do trabalho e outros profissionais de saúde e segurança.** [S. l.: s. n.], 2014. Disponível em: <https://www.maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2015/04/Manual_-_Inclusao_de_Pessoas_com_Deficiencia_-_Rede_Empresarial_de_Inclusao_Social_-_ANAMT.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

NEBRERA, J. J. R. **Alumnado con discapacidad motora, respuesta educativa.** Revista Digital, Buenos Aires, 2009.

Organização Mundial de Saúde. CIF: **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde.** São Paulo: Edusp, 2003.

RODRIGUES, D. (2000). **O paradigma da educação inclusiva: reflexões sobre uma agenda possível.** Inclusão, 1, 7 - 13.

RODRIGUES, D. **A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas.** Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física, Lisboa, n. 24 - 25, 2003, p. 73-81. Disponível em: <<http://www.spef.pt>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SASSAKI, R. **Entrevista especial à Revista Integração.** Revista Integração. MEC:Brasília, v. 8, n. 20, 1998, p. 09-17.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S. **Métodos de pesquisa nas relações sociais: delineamentos de pesquisa.** São Paulo: E.P.U., 1987.

SERRA, D. **Inclusão e ambiente escolar.** In: SANTOS, M. P.; PAULLINO, M. M. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. p. 31-44.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. **Os desafios da inclusão nas aulas de educação física do ensino público regular: mapeando a realidade de Feira de Santana.** Salvador - BA, 2012.

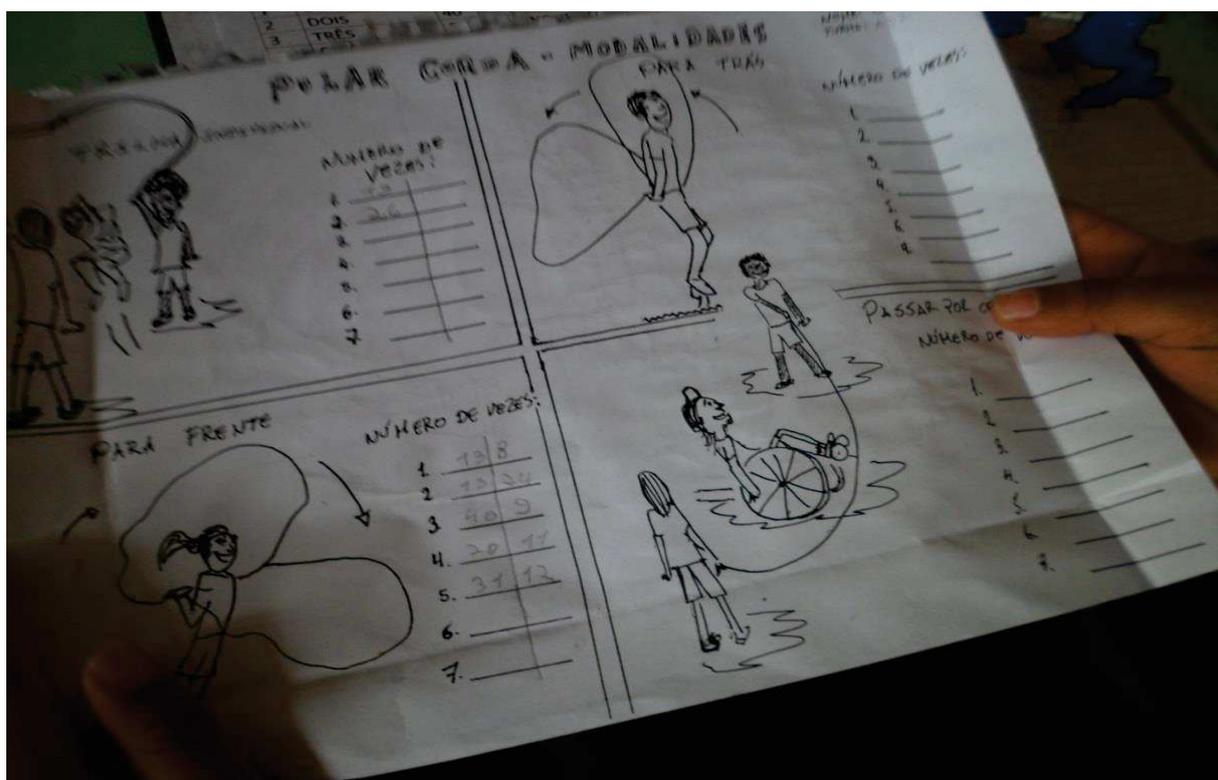
STRAPASSON, A. M.; CARNIEL, F. **A Educação Física na Educação Especial.** Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, n. 104, janeiro de 2007. Disponível em: <<http://www.efdesportes.com>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia.** In: Obras escogidas. Madri: Visor, 1997. v. 5.

ZUCHETTO, A. T.; CASTRO, R. L. V. G. **As contribuições das atividades físicas para a qualidade de vida dos deficientes físicos.** Revista Kinesis, Santa Maria, n. 26, 2002, p. 52-67.

ANEXO A



ANEXO B



ANEXO C – Poesias

APRENDENDO COM A CORDA

QUEM QUER APRENDER A CONTAR,
TEM QUE GOSTAR DE BRINCAR.
QUEM QUER APRENDER A TRILHAR,
TEM QUE APRENDER A GIRAR.
QUEM QUER APRENDER A PASSAR
TEM QUE APRENDER A PULAR E RODAR.
PASSA UMA RODA, E DEPOIS A OUTRA
PASSA UM PÉ E DEPOIS O OUTRO
ÁS VEZES DIREITO,
OUTRAS VEZES TORTO
PASSA A CORDA E DEPOIS O CORPO.

Profº Cláudio

CONTANDO COM A CORDA

CONTAGEM DE PULOS
CONTAGEM DE PASSOS
CONTAGEM DE GIROS
DA RODA EM RODAGEM
DO CORPO EM PASSAGEM
DESENHOS QUE BRINCAM
NÚMEROS QUE REGISTRAM
NO PÁTIO OU NA QUADRA,
OS OLHOS QUE VIRAM,
AS CORDAS QUE GIRAM.

Profº Cláudio

CORDA INDIVIDUAL NO GRUPO

PULANDO COM A CORDA
O CORPO ACORDA.
ANOTANDO NO PAPEL

O PEDRO, A MARIA E O MANOEL
REPASSANDO PARA O CADERNO
O PULO INDIVIDUAL
QUE OS COLEGAS CONTARAM
QUANDO EU PULEI
DE UM JEITO DIFERENTE OU IGUAL.

Profº Cláudio

A MAGIA DOS CORPOS BRINCANDO

O MEU CORPO É MÁGICO
QUANDO QUER BRINCAR,
RETIRA DAS IDEIAS
O GESTO DE PULAR E DE PASSAR
PULANDO E PASSANDO NO ELÁSTICO,
APARECE O MOVIMENTO FANTÁSTICO.
DA CARTOLA TIRO A MÃO
E SURGE DA MINHA IMAGINAÇÃO
A BRINCADEIRA QUE INVENTEI
DOIS PÉS, DUAS RODAS, UM PÉ
DIAGONAL, SACI, FININHO, RELOJINHO
PRIMEIRO, SEGUNDO E TERCEIRO
PULEI, PASSEI, BRINQUEI
TENTEI E CONSEGUI
QUEM ESTAVA DENTRO DO ELÁSTICO
APARECEU NUM GESTO MÁGICO

Profº Cláudio

APÊNDICE A - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)

Eu, Rodrigo Mossmann, acadêmico do Curso de Licenciatura em Educação Física – UNISINOS, orientado pelo Professor Dr. Cláudio Marques Mandarino, convido você a participar da pesquisa correspondente ao meu Trabalho de Conclusão de Curso. O título da pesquisa é “DENSIDADE PEDAGÓGICA COMO INCLUSÃO: UMA CATEGORIA DE ANÁLISE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR”. Seu objetivo é compreender quais os recursos pedagógicos e as estratégias e/ou métodos de ensino aprendizagem que um professor de educação física da rede municipal de Porto Alegre, utilizou em suas aulas tradicionais no intuito de incluir o aluno com deficiência junto à mesma.

A pesquisa utilizará como método de pesquisa uma entrevista semiestruturada. As perguntas que serão feitas não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que são somente sobre suas opiniões em relação ao objetivo do estudo. As entrevistas terão seu áudio gravado através de um gravador digital e serão posteriormente transcritas. Os arquivos das gravações e as transcrições ficarão armazenados sigilosamente por três anos sob o cuidado do pesquisador e destruídos após este período. A identidade do participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações. Os dados obtidos serão utilizados apenas para os fins da investigação. Você poderá desistir do estudo a qualquer momento, sem prejuízo algum como também sempre poderá obter informações sobre o andamento da pesquisa e/ou seus resultados. A participação é voluntária.

Outros esclarecimentos acerca deste estudo poderão ser obtidos junto ao pesquisador, pelo telefone (51) 99579-4620 ou pelo e-mail rodrigo-mossmann@hotmail.com ou com o orientador do Trabalho de Conclusão de Curso, Professor Dr. Cláudio Marques Mandarino pelo e-mail mandarino@unisin.br.

AUTORIZAÇÃO

Eu, Sr(a), fui informado sobre a pesquisa e após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concordo em participar da pesquisa, e assino este documento em duas vias, sendo que uma fica em meu poder.

Cidade...../...../.....

Colaborador

Pesquisador

Professor Orientador

APÊNDICE B- Entrevista semiestruturada

Roteiro de perguntas

- 1- Qual (ais) é (são) a (s) estratégia (s) de ensino que você utiliza em suas aulas de Educação Física?
- 2- A partir do seu método de ensino, de que forma você inclui um aluno com deficiência dentro da sua estratégia?
- 3- Essa estratégia e/ou método de ensino para trabalhar com o aluno deficiente físico você tirou de onde? Experiência própria? Literatura?
- 4- Como você enxerga a Educação Física inclusiva? Comente a respeito.
- 5- Qual a sua opinião sobre a estratégia de ensino chamada de tutoria? Já a utilizou em alguma aula?

APÊNDICE C

Deficiência Física

De acordo com o artigo 70º do Decreto nº 5.296, de 02 de dezembro de 2004, considera-se uma pessoa portadora de deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias:

Art. 4ª- É considerada pessoa portadora de deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias:

I - deficiência física - alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 2004, Artigo 70º).

A saber:

Quadro 9: Tipos de deficiências

Tipo	Definição
Paraplegia	Perda total das funções motoras dos membros inferiores.
Paraparesia	Perda parcial das funções motoras dos membros inferiores
Monoplegia	Perda total das funções motoras de um só membro (inferior ou posterior)
Monoparesia	Perda parcial das funções motoras de um só membro (inferior ou posterior)
Tetraplegia	Perda total das funções motoras dos membros inferiores e superiores.
Tetraparesia	Perda parcial das funções motoras dos membros inferiores e superiores.
Triplegia	Perda total das funções motoras em três membros.
Triparesia	Perda parcial das funções motoras em três membros.
Hemiplegia	Perda total das funções motoras de um

	hemisfério do corpo (direito ou esquerdo)
Hemiparesia	Perda parcial das funções motoras de um hemisfério do corpo (direito ou esquerdo)
Amputação	Perda total ou parcial de um determinado membro ou segmento de membro.
Paralisia Cerebral	Lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central, tendo como consequência alterações psicomotoras, podendo ou não causar deficiência mental.
Ostomia	Intervenção cirúrgica que cria um ostoma (abertura, ostio) na parede abdominal para adaptação de bolsa de coleta; processo cirúrgico que visa à construção de um caminho alternativo e novo na eliminação de fezes e urina para o exterior do corpo humano (colostomia: ostoma intestinal; urostomia: desvio urinário).
Nanismo	Deficiência acentuada no crescimento.

Fonte: (Manual de inclusão de pessoas com deficiência, 2014).

A deficiência física é parte das deficiências. As terminologias “para, mono, tetra, tri e hemi”, dizem respeito à parte do corpo envolvida, as quais significam respectivamente: “somente os membros inferiores, somente um membro, os quatro membros, três membros ou um lado do corpo”. Quanto às causas e tratamentos:

a) A deficiência física pode ser:

- **Temporária** - quando tratada, permite que o indivíduo volte às suas condições anteriores.
- **Recuperável** - quando permite melhora diante do tratamento, ou suplência por outras áreas não atingidas.
- **Definitiva** - quando apesar do tratamento, o indivíduo não apresenta possibilidade de cura, substituição ou suplência.
- **Compensável** - é a que permite melhora por substituição de órgãos. Por exemplo, a amputação compensável pelo uso da prótese;

b) A deficiência física pode ter causa:

- **Hereditária** - quando resulta de doenças transmitidas por genes, podendo manifestar-se desde o nascimento, ou aparecer posteriormente.
- **Congênita** - quando existe no indivíduo ao nascer e, mais comumente, antes de nascer, isto é, durante a fase intra-uterina.
- **Adquirida** - quando ocorre depois do nascimento, em virtude de infecções, traumatismos, intoxicações. (MEC, 2006).

É possível definir a deficiência física como:

Diferentes condições motoras que acometem as pessoas comprometendo a mobilidade, a coordenação motora geral e da fala, em consequência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas, ou más formações congênitas ou adquiridas. (MEC, 2004).

Segundo Lopes, Mendes e Faria (2005), os deficientes físicos severos apresentam uma aparência física diferenciada. Muitos dos deficientes físicos severos não apresentam comprometimento intelectual. Portanto, não devemos pensar que eles não podem aprender, agindo assim, estamos pensando errado, pois é apenas seu corpo que impossibilita de realizar trocas com o meio, e não sua mente.

A educação brasileira vem sofrendo diversas influências que dificultam o seu desenvolvimento. Nesse contexto, está presente o preconceito e a discriminação que muitas pessoas têm para com as pessoas com limitações físicas; construindo pensamentos por vezes equivocados, definindo os deficientes físicos como seres incapazes de estarem inseridas no contexto escolar, principalmente no que diz respeito à Educação Física.

“A prática regular de atividade física, por pessoas com deficiência física, gera contribuições como: fortalecimento da musculatura, melhoria da resistência física, promoção da integração social e do bem-estar geral” (ZUCHETTO; CASTRO, 2002).

No que se refere, especificamente, às pessoas com deficiência física, assunto ligado a este estudo, Diehl (2006), afirma que a deficiência física é caracterizada por algum tipo de “comprometimento para a realização dos padrões motores esperados”, dentre os movimentos que podem vir a ser afetados estão: “caminhar, correr, saltar, manipular coordenadamente objetos e movimentos de estabilização do corpo” (DIEHL, 2006, p. 92).

APÊNDICE D- Análise de Conteúdo

UNIDADES DE SIGNIFICADO	BLOCOS TEMATICOS	CATEGORIA DE ANÁLISE
<p>cadeira de rodas „8” - deficiência física „5” - sequelas de paralisia infantil - deficiência intelectual „4” - necessidade educacionais especiais - princípio de inclusão - ataxia - pouco tonos muscular - deficiência física „5” - política de inclusão – vigorar – Brasil - Lei de diretrizes e bases da educação nacional – 1996 - alunos com deficiência – matriculados preferencialmente - escola regular „3” - escolas especiais „4” – existir-movimento „5” - chegada dos alunos com deficiência - necessidades educacionais especiais – MEC - 1998 – 1999 - momento exponencial - inclusão „15” - série de desafios - resistências – insatisfações – experiência - solicitações – estado - formação específica - cursos de formação - chegada desses alunos – tensão-incomodava mais - deficiência „25” – fraqueza – argumento – surdo - língua dos sinais - trabalhar – alunos - cego – informações - mecanismo de informação - escolas de surdos - não sabemos tudo - avançamos bastante – processos – particularidades – aceitar – movimento – retroceder – acabar – diferença – ampla - aluno com deficiência „8” – independência - nível corporal - ensino regular</p>	<p>Deficiência e Inclusão</p>	
<p>trazer para as aulas - ler para os alunos - fazer registros - acrescento outros elementos - adequado a essas idades - dar continuidade - densidade pedagógica „4” - organização da minha aula – trabalhar - uma atividade por mês - uma proposta - explorar o máximo possível – potencialidades „2” - alicerçar - ter sentido para eles - mais denso - mesmo foco - não tinha aula livre – desdobrando - festividade na escola – valorizar - engajamentos - articulações – sequência - consolidar as aprendizagens – demonstrando – organizando – pedindo - retornava pro grupo - mostrava - voltava a fazer a atividade - série de continuidades - conteúdo que estava sendo trabalhado – prática pedagógica artesanal – participar da proposta – incorrer - engajamento „3” - proposta de aula – pensada „3” - considerando as possibilidades corporais - nenhum aluno deve ficar fora - pensar alternativas „2” – estratégias „4” – trabalhar - participar da aula „2” - não soube o que era não participar - aprendizagem „4” – modificações - método de trabalho – potencialidades „2” - garantir a inclusão – consolidar „3” – condições – série de arranjos - comprometer - conteúdos previstos - não houve alteração nos conteúdos - ajustes - atenção - aula para todos - depende da situação - potencialidade</p>	<p>Estratégias de Ensino</p>	

<p>„4“ - série de movimentos – jogar para frente - empurrar – distinção - projetar o corpo – possibilidade - alterar a exigência – ajuste „2“ - participar da aula „2“ - elemento coordenativo - toque na roda – remada - repetitivas vezes - conteúdo „8“ – vivenciar - resolver – potencialidade - garantir a participação - acúmulos de repertórios - continuidade „4“ - registros com fotos - colocar fotos – especificidade - trabalhar com o corpo - experimentar - detalhamento - 40 dias - docência cuidadosa - práticas artesanais - artesanaria do aprender - mais denso - sair de si - trazer para a escola – foco - abordagem desenvolvimentista - qualidade de aula - qualidade na educação - escola de qualidade - desdobrar as experiências pedagógicas – desenvolver - aproximações – diálogos - ensinar „12“ - dificuldades – pedagógico – possibilidades - modos de ensinar „3“ - cuidar do outro - cuidar de mim - ensinar o outro - ritmo de aprendizagem - processo de ensinar - aprender „5“ - cuidado „9“ – desenvolvimento - desenvolver „4“ – acolher – maturidade - alternativa „5“ – sentido – isentar - movimento – interessante</p>		
<p>experiência „38“ - construindo – consolidado „3“ – restrição - modo de trabalhar – consolidar „3“ – periferia - alunos em situação de rua „4“ - olhar cuidadoso – microfones - tirar ideias - jogo de imagens - minhas aulas - experiência na E.F. - pensar em estratégias de ensino – amarrando – conteúdo – consolidei - entendi – contornar as obras de arte – circular – viajar - explorar o mundo – livro - construtivismo – atravessamento – Piaget – Vygotski – Guizehini – autores – aproximando - própria experiência amarrada - modos de entender - produzindo nas minhas aulas – responsabilidade - atuação profissional - sindicato dos professores - conselho escolar – construir - Jorge Larossa - tecnologias do eu em educação - sujeito da educação – estudos - varias leituras - filósofo Michel Foucault - provocador de pensar - experiência de si consigo mesmo - projeto experiências de si - campo da educação - filosofia – sociologia - cotidiano da E.F. - imergisse - modo de fazer aula - modo novo - invenção da roda - trabalhar com desenhos - pensar a estratégia de ensino – Nitché – consciente - própria experiência individual - própria experiência de si - conhecimento de si - cuidado de si - aprendo a cuidar de mim - aprendo a cuidar do outro - experiência tão direta – escrevi – incoerente - trabalhar na escola „2“ - não escolhe os seus alunos – resgato - questão de desafios - aceitar esse desafio – coerência – colegas – responsabilidade – argumento - consolidou „2“ – importante – válido</p>	<p>Experiências Passadas na educação</p>	<p>Densidade Pedagógica como inclusão</p>
<p>Grupo de estudos „9“ - discussão amadurecida - educação física escolar - processo de ensinar -</p>		

<p>conteúdos a serem trabalhados nas aulas - muito rico - engajamento „3” - fortalecimento do exercício da docência - pensar alternativas „2” - questão ética - não deixar os alunos soltos - acumulando uma série de experiências - costurar modos de ensinar - pensar as aulas de E.F. - estou fazendo hoje - consolidar algumas aprendizagens - não posicionava - retirava algumas ideias - consolidou o processo – artesanaria „2” - do fazer-modo de ensinar „4” - aprimorando o modo de ensinar - aceitar os desafios - trabalhar com as pessoas com deficiência - primeira experiência – dissertação „2” – livro - modo de desdobrar – conteúdo – ensinar „12”- especialização „6” - metodologia do ensino da E.F. - métodos de ensino - mestrado „3” - refletir - fazer pedagógico – escola - políticas públicas - universidade „7” – alimentação - contato com pesquisa - eventos científicos – bienais - aproximação da arte – GEPE – discussões - provocando a pensar - disciplina de estágio - disciplina de estratégia de ensino e inclusão - relatos de experiências - escrevendo sobre essa experiência - universidade – acomodado – problematizações - lacunas</p>	<p>Processo Formativo</p>	
<p>colegas „12” – extremamente válido - ajudantes – parceiros - tutoria „6” - estar junto com ele - desassistido - cuidado - monitor de inclusão – apoio - próprios colegas - tutores - estar junto - recurso da tutoria - tutor – garantir - estratégia „5” – colega - auxiliar nas aulas</p>	<p>Tutoria</p>	
<p>organização da aula - outras experiências de movimento - aulas de E.F. „4” - membros superiores - membros inferiores - resistência muscular - educação infantil „6”- culturas corporais de movimento - o jogo – ginástica - esportes - dança - lutas - desenvolvimento motor - professores „6” - informações sobre os alunos – espaço - discussão – aulas - obrigações do estado - secretaria municipal - educação „3”</p>	<p>Educação Física</p>	
<p>poemas „4” - fotos „5” - desenhos „13” - trabalhar jogos da cultura infantil - jogos populares - pular corda “14” - pular amarelinha - avião de papel - pular elástico „3” - atividades de fita - bambolê - jogo de bolita - bambolê - diagrama do caracol - desenhar - brincar - filmagens – poesias</p>	<p>Recursos Pedagógicos</p>	

383 Unidades de significado

7 Blocos temáticos

1 Categoria de análise